

DESAFIO - UMA POÉTICA DO AMOR

APRESENTAÇÃO

A GÊNESE DE UMA POÉTICA DO AMOR*

Estes sonetos começaram a ser escritos em Portugal, ao longo do outono-inverno de 1986-87, onde estava a convite do Instituto de Cultura e Língua Portuguesa-ICALP (atual Instituto Camões), em convênio com o Conselho Nacional de Pesquisa-CNPq, para ministrar cursos de Poesia Brasileira e Teoria Poética, a nível de graduação e pós-graduação, na Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa, nas turmas das queridas colegas brasileiras aporuguesadas Vânia Chaves e Maria Lúcia Lepecky.

Só, num grande e distante apartamento de um nono andar, sem televisão, sem telefone, sem vizinho; apenas com umas músicas brasileiras que saíam de um mini-cassete; sem nem um barzinho por perto que não me deixasse sem cigarro à meia-noite (toca errado a campainha e, tão bela, nem fumava nem entrou) e sem nem poder tomar meu chope porque os 5 graus exigiam vinho ou whisky; nesta solidão (e ainda antes de começarem as aulas) as musas baixaram com uma presença táctil sobre o belo panorama da cidade e escrevi como que sem parar. Frequentemente, acordava alta madrugada com as palavras me chamando - e eu saía a andar pelos quartos e salas para espantar o frio, elaborando mentalmente o poema, que brotava soneto (num fim de semana foram 8) e que passava para o papel já quase pronto. Depois, era só reescrever. Isso já aconteceu a alguns poetas: fico feliz de entrar nessa galeria.

Já tinha sonetos para umas 12 dessas doces sombras do passado quando, ao retocá-los, percebi a diversidade de casos: um era de um amor realizado, outro perdido; um fatal, outro ideal; um impossível, outro saudoso; um livre, outro ferido etc. Então - e agora numa decisão estrutural - resolvi escrever outros, tentando definir essas situações. E foi surgindo uma segunda série.

Os primeiros desses sonetos foram fruto de vivências concretas; os últimos, produtos da imaginação. Houve uma inversão do processo: no começo, confessava um caso; depois, o definia. No final, definia um caso, depois o imaginava - não tinha o que "confessar". Claro que isso não tem nenhuma significação para o leitor, que só vai ver a expressão textual. Pois é o que me preocupa: receio que os últimos não contemham a mesma autenticidade de emoção.

Um dia - só para provocar a minha face mais frustrada: a do jogador que nunca fui - fui a um cassino, com uma bela garota alentejana. Inês - tinha que ser logo uma Inês, sendo eu um Pedro, e em Portugal! Fizemos um caixa único. De cara, bati um bingo: 200 dólares. Na mesma noite, larguei o apartamento pelo hotel onde ela estava hospedada. Dias depois, numa espetacular batida acumulada à bola 44, com as últimas cinco saindo em seguida, ela arrebatou um outro, em torno de US\$ 1.000. Outras batidas e cravadas, ao longo de três meses - e ganhamos mais uns US\$ 3.000. Compramos um carrinho - e aí foi um delírio além das órbitas. Apesar da mudança radical de situação, eu escrevia - entre um full-hand, um bingo, um pass pair black/28 e um beijo - algum outro soneto: o Lavragem-VIII foi escrito com o papel sobre o ventre dela. E foi surgindo uma terceira série.

Através da nossa querida Neide Archanjo, eu havia feito contacto com a notável poeta e deputada socialista portuguesa Natália Correia: com a participação da jovem Amélia Vieira, aproveitei o espaço do célebre restaurante Botequim, no Largo da Graça, e fiz um recital no dia 10 de dezembro, onde disse uns 20 deles para uma audiência muito amiga. Foi bonito. Ao final, duas grandes alegrias. Natália exclamou: "Eis aí uma Poética do Amor". Tomei na hora sua espontânea expressão para denominar a primeira parte do livro, já se estruturando. A segunda ficou sendo o Amor da Poética. A terceira, que o intitularia, só podia ser mesmo Musa Lusa. Presente ao recital, o nosso Embaixador, poeta Alberto da Costa e Silva, me propôs, de súbito e de público: "Vamos publicar o livro por aqui". Aceitei comovido e agradei de coração.

* Publicado, em 1ª versão, no *Jornal de Letras* (Rio, abr. 1989); numa 2ª, no *Jornal de Cultura* nº 20 (UFC, Fortaleza, 1990); numa 3ª, no *Jornal de Letras, Artes e Idéias* nº 405 (Lisboa, 16.4.1990). Aqui, na versão definitiva, com os adendos às posteriores edições deste livro.

Deixei com ele os originais (eram 48 sonetos, em 4 meses) na redação definitiva e voltei ao Brasil no começo de fevereiro-87. O material podia ir para a gráfica.

Ao chegar, uma bela surpresa: o livro *O real no poético-II*, publicado no ano anterior, havia ganhado o Prêmio de Ensaio da Associação Paulista de Críticos de Arte. Estimulado por esse prêmio, que não tem inscrição, e como se o clima do inverno português continuasse no do verão carioca, escrevi mais alguns, retoquei todos eles e conferi-lhes a estrutura visual correspondente ao ritmo e à sintaxe da expressão. O livro crescia.

No fim de abril, segui para a Alemanha, a convite da Universidade Friedrich-Wilhelms, em convênio com o Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico-DAAD, para uma série de palestras sobre Pessoa e Camões (baseadas nos ensaios de *O dilema ideológico de Camões e Pessoa*, de 1985) nas Universidades de Bonn e Colônia. Desci em Lisboa para rever Inês e fazer uma comunicação sobre "Os 15 anos do Poema-Postal" no Primeiro Congresso Português de Literaturas Marginais (Faculdade de Letras da Universidade do Porto, no mítico dia 25-4) e entreguei ao Alberto um novo original, na versão definitiva. Mas, entre Bonn e Colônia, com dezenas de marcas da autêntica cerveja à disposição, a bela primavera alemã me deu mais alguns outros. O livro se transformava. Telefonei ao Alberto, pedindo que sustasse a impressão - e ele, rindo, me disse que não enviara os originais para a gráfica porque tinha certeza de que eu iria mandar outros sonetos de onde estivesse. Você estava certo, meu caríssimo amigo.

A Alemanha havia me convidado a partir de Portugal: portanto, a passagem de volta seria para Lisboa. Uma semana antes, o DAAD me telefona a Colônia, solicitando que fosse a Bonn. Fui, com o professor Teoberto Landim, da Universidade Federal do Ceará. A secretária me ofereceu uma passagem não só para Lisboa, mas até o Rio, se eu pagasse a diferença a um preço favorecido. Respondi na hora que pagava e acrescentei para o Teoberto: "Mas não com o meu dinheiro". E ele, surpreso: "Com qual?" E eu, convicto: "Com dinheiro do cassino: vamos buscá-lo em Aachen". E saímos do belo Spielcasino, a 50 minutos de Colônia, às 5 horas de uma gélida madrugada, em companhia da cearense Ana Lúcia e da renânia Gretta, com os marcos necessários para matar a saudade das musas brasileiras. Dia seguinte, na Faculdade, fui apresentado a uma professora de Aachen. Quando lhe disse que estava voltando da sua cidade, ela me observou: "Ah, lá existe uma bela Igreja, do século XI: foi visitá-la?" Não tenho a menor idéia da cara de bobo que devo ter feito nem da resposta idiota que devo ter dado.

Mas não voltaria direto ao Rio: desci outra vez em Lisboa, em julho, para concluir uma pesquisa sobre a poesia de vanguarda e incorporar aos originais os novos sonetos, no que seria a versão definitiva. Porém, nordestino amante da chuva mas há três meses sem ver o sol e a praia, o verão português me deu muitos outros. Selecionei quatro para a revista *Colóquio/Letras*, que os publicou no nº 99, de agosto-setembro/87, e anunciou o livro para 88. Mais uma vez, pedi de volta os originais, acrescentei estes outros e disse ao Alberto que aquela era realmente a versão definitiva: o livro podia ir para a gráfica. Como ele já não dava nenhum crédito aos meus definitivos, afirmei-lhe, como garantia: se eu lhe enviar algum novo soneto do Brasil, você não apenas não o inclui, mas o rasga. O que eu queria então era ver o livro publicado. Inês já era apenas uma lembrança.

Voltei ao Rio em outubro e, em abril-88, estava de novo em Portugal para confirmar a edição: com aquela estrutura e aquele título (e o subtítulo "Sonetos do amor", para realçar o seu caráter conceitual), o livro foi finalmente publicado em Lisboa, em novembro, pela Editora Limiar, do poeta Egito Gonçalves, volume 43 da coleção "Os olhos e a memória". Eram apenas 89 sonetos (com um poemeto em anexo), escritos no exato espaço de um ano. Inês agora era só palavras.

Estava ainda na Alemanha quando recebi uma carta de minha primeira mulher, com quem havia deixado uma cópia dos originais, no Rio. Ela me observava que minhas musas eram passivas e silenciosas: sabia-se quase tudo dos sentimentos do autor, quase nada delas. Então, tentei lhes dar expressão própria, em sonetos em que é a musa quem fala, com a pretensa voz da sabedoria, não com a da inspiração, gerando outros em que o poeta responde e outros em que eles dialogam. Os primeiros ainda encontraram tempo de ser incluídos naquela edição, distribuídos - entre uns poucos em que falava do amor em si mesmo - no final da segunda e da terceira partes. Ao ver o livro publicado, convenci-me de que tinham de constituir uma série autônoma. Mas o diálogo estava apenas iniciado. E, ao longo de 89, no Rio, fui escrevendo outros, em ritmo bem menos intenso - até que atingiram o ponto de constituir uma quarta série. Chamei de "Confissão" àqueles em que fala o poeta; de

"Consolação", àqueles em que fala a musa; de "Confrontação", àqueles em que dialogam. Permutei esta nova série com a terceira, reintitulada de Lavragem, e denominei-a de Confrontação. Essa solução me levou a destacar os sonetos em que falava do amor em si mesmo: chamei-os de "Constatação", e surgiu uma quinta série, que intitulei de Cumprimento. Como a primeira abre e fecha com sonetos de Constatação e a segunda com sonetos de Confissão, reintitulei-as também, aproveitando a sugestão desses termos para promover uma conexão entre as diversas partes do livro e conferir-lhe uma certa organicidade e um certo dinamismo internos. Modifiquei também os títulos de vários sonetos, sobre todos os da segunda parte: os primitivos se investiram do que de fato eram - evocações/dedicatórias. A exclamação de Natália se transformou em subtítulo, numa tentativa de definição. E, com tantas modificações; diante das referências de alguns de seus primeiros críticos, enfatizando o duplo "desafio" de ainda escrever sonetos e de ainda escrever sobre amor; e constatando que a realidade do Desafio era de fato uma constante, presente em muitos deles - em face dessas razões e tendo em mãos praticamente um livro novo, não hesitei em mudar também o próprio título.

À espera da edição brasileira, não quis lançar no Rio um livro que já estava bem diferente (sobretudo, bem mais abrangente) em minha mesa. Mas, em agosto-setembro, fiz lançamentos em Fortaleza, no Náutico Atlético Cearense, e em outras três capitais, através de recitais que contaram com a participação de jovens e belas atrizes do lugar: em Belo Horizonte, com Virgínia Lobato, no Centro de Cultura de Minas Gerais; em Recife, com Ana Paula Arantes, na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Pernambuco; e em Salvador, com Lígia Cabuz, na Academia de Letras da Bahia. Ofereci exemplares a uns poucos amigos, alguns dos quais tomaram a iniciativa de comentá-lo pela imprensa, em textos que constituem a pequena Fortuna Crítica que fecha esta edição, com destaque para a bela lira do poeta-irmão Marcus Accioly, que muito me sensibilizou.

Entre o livro publicado e o livro a publicar, outra grande alegria: o correio me entrega um recorte do Suplemento Cultural do Diário de Notícias de Lisboa (14.5.1989) com uma recensão da Maria Lúcia, então sua crítica institucional, dizendo - entre tantas coisas simpáticas - que Musa Lusa era "um belo livro", com "um discurso novo, e próprio, e estimulante", e que devia ser editado "em qualquer lugar onde se fale o português". Queria que alguns brasileiros lessem esse texto: Elyzio Condé o reproduziu no Jornal de Letras do Rio, no mês seguinte.

Em novembro, segui para a França, a convite da Universidade Stendhal, de Grenoble, para ministrar cursos semelhantes aos de Lisboa, nos mesmos níveis. E lá, na neve dos Alpes, a 2 graus abaixo de zero, na solidão de um pequeno quarto da "Maison de la Promotion Sociale", o inverno francês me deu muitos outros sonetos, particularmente de "Confissão" e de "Consolação". E, antegozando a Nova Era iniciada com a abertura do Socialismo para a liberdade no Leste Europeu, a chama do movimento de povos em ação rumo ao futuro me deu os últimos, que chamei de "Afirmação", compondo uma sexta série - que chamei de Confirmação - com os quais, na volta ao Brasil, em julho-90, pude considerar o livro concluído.

Antes da volta, uma outra grande alegria, agora bem mais poética: minha querida amiga Vera Vouga, professora de Teoria Literária da Universidade do Porto, me remete a Grenoble, em manuscrito, o texto da recensão que acabara de escrever para a Colóquio. Eu adoro manuscritos. Sobre mim, então... O julgamento da Vera ia mais longe que a simpatia da Malu: que o livro apresentava a sensação do amor de maneira "absolutamente intelectualizada e exemplar" e que o autor se manifestava como um "cidadão do mundo, da cultura, da poesia". Palavras como essas justificam uma tão radical opção de vida.

No final, são 180 sonetos, no espaço de três anos e meio - o que dá uma média aproximada de um por semana: um momento (longo, delicioso, inesperado momento) de três anos e meio vivido em permanente estado de poesia, com amor, bebida e dinheiro ganho em jogo. Para um poeta, não creio que haja na condição humana algo melhor que isso. Em sua maior parte, são sonetos (não de, mas) do amor, como no subtítulo da edição portuguesa - por mais conceituais que confessionais, mesmo os narrativos, os dialogais e os celebrativos -

de um poeta que, até então, só havia se empenhado em poesia de protesto (Decisão) e de vanguarda (Poema-Postal).

No Rio, eu não teria a mínima condição de ter escrito estes sonetos.

Ele sai agora, em edição brasileira, com muitas alterações textuais em confronto com a portuguesa.

Espero que seja a definitiva.

P. Ly.

Lisboa/Bonn/Paris/Rio: out.-1986/jul.-1990

ADENDO À SEGUNDA EDIÇÃO

Não era.

Mas o livro só voltaria a crescer tempos após. No final de 1992, uma colega de Clermont-Ferrand, Anne-Marie Pascal, que eu havia conhecido em Lisboa, me convida para dar cursos semelhantes na Universidade Blaise Pascal. Fiquei lá até julho de 1993, mas o que me envolveu foi a reportagem “A múmia das neves”, de Ruy de Carvalho, publicada na Revista do Expresso (Lisboa, 4.7.1992), sobre a casual descoberta de uma múmia nos Alpes italianos, soterrada na neve há 5.320 anos. Era um caçador, e estava intacto, com suas armas. A foto me impressionou tanto que comecei a “conversar” com a múmia e, dois meses depois, tinha em mãos um longo poema: Errância - Uma alegoria trans-histórica, que escrevi diariamente, sem parar, no mesmo exato clima de Lisboa, e reescrevi até à publicação (Rio, Tempo Brasileiro, 1996). Nenhum novo soneto, em todo esse semestre.

No retorno ao Brasil, entreguei-me a outro projeto - a poesia da minha geração. Sofrendo a ameaça de vê-la passar em branco, pela falta de uma obra de referência, eu já vinha há algum tempo pensando em resgatá-la numa antologia. Os 10 anos de resenhas para o Jornal do Brasil (1976-1985) e a longa colaboração com a Colóquio (desde 1978) me haviam familiarizado com a sua obra e me senti em condições de empreender essa tarefa. Escolhi 45 nomes de vários estados e, com apoio da Fundação Cultural de Fortaleza e do Instituto Rioarte de Cultura, trabalhei até 1995 em Sincretismo – A poesia da Geração-60, publicado pela Topbooks nesse ano. Mas é claro que, entre uma leitura e outra, ia escrevendo mais algum soneto.

Não cabe aqui a resenha desse livro mas, pelo menos de passagem, devo confessar que muito me gratificaram a polêmica com os letristas de música popular no Jornal do Brasil ao longo do segundo semestre de 1995 pela não-inclusão de nenhum deles (polêmica que se transformou no livro Poema e Letra-de-música, a sair) e a atualização por Sincretismo que Luciana Stegagno Picchio fez de sua grande Storia della letteratura brasiliana (Roma, Einaudi, 1997).

Mas citei mesmo esse livro porque, no começo de 1996, fui mostrar a nossa poesia aos alunos da Vera na Universidade do Porto e de Arnaldo Saraiva na Fernando Pessoa; aos da minha querida ex-colega da UFRJ Sonia Salomão na de Viterbo e de Ettore Finazzi-Agrò na de Roma; e de mestre José Terra na Sorbonne - todos em conferências/debates sobre ela, nos idiomas deles. O retorno a esses lugares restaurou o clima de 10 anos antes e voltei ao Brasil em março com novos poemas, particularmente uma série de “9 Sonetos da Fêmea”, escritos quase todos na Itália, que publicaria no Jornal de Letras, Artes e Idéias de Lisboa no ano seguinte (nº 703, de 7.10.1997), e que me proporcionaria uma grata emoção: ao lê-los em página dupla do jornal, Affonso Romano de Sant’Anna telefona para me cumprimentar. Bonito gesto, meu caro Affonso: tem gente que vê e nem viu...

Pouco depois, foi outro gesto bonito de outro dos poetas de Sincretismo - Carlos Nejar, que recomendou meu nome a Curt Meyer-Clason para a sua antologia Modernismo brasileiro und die brasilianisch Lyrik der Gegenwart (Berlim, Drukhaus Galrev, 1997): ele escolheu, traduziu e incluiu seis sonetos de Desafio. Muito grato, Nejar.

Ainda em Clermont-Ferrand, começara um outro texto - sobre o jogo, que não passou do começo. Mas quando em 1994 abriram os bingos no Brasil, voltei ao texto (e ao clima de Lisboa) e, 5 anos depois, tinha pronto um outro longo poema: Jogo – Um delírio erótico-metafísico-econômico ou Uma aventura em versifrases (Topbooks/Ed. UFC, 1999). O poema foi crescendo a cada noite aventurada nesse simulacro de cassino e, em muitos casos, a idéia ou o fato que motivava uma nova cena motivava também um novo soneto. Mais que pra jogar, ia ao bingo porque sabia que iria vivenciar motivos para novos episódios: muitas vezes, parava de marcar para escrever na própria cartela.

No final de 1993, a UFC me convidara para ministrar um Curso de Mestrado sobre “A teoria literária no século XX”. Uma das mestrandas, Hermínia Lima, me indaga se posso ser o orientador de sua Dissertação. Respondo que sim, se o Departamento aceitar uma orientação à distância: hoje, com fax e e-mail... Pouco depois do curso, já de volta ao Rio, ela me telefona para dizer que eu não seria mais o seu orientador. Lembrei-lhe que eu mesmo havia colocado a hipótese de não ser aceito. E ela me replicou que o motivo era bem diverso: que, ao invés de orientador, eu seria o tema; pois que, depois de ler Decisão, resolvera escrever sobre esse livro; e que, depois de ler Desafio, decidira escrever sobre toda a obra. Tomei um susto: então já ia virar tema de tese acadêmica? E fiz-lhe outra advertência: que esse é que podia mesmo não ser aceito. A França não aceita teses sobre autores vivos. Ela me falou das muitas objeções que sofreu, rimos um bocado, mas a defesa do seu direito à livre escolha feita pelo novo orientador, meu ex-professor Carlos d’Alge, foi definitiva. E em 1999 ela publica, pelas Edições UFC, o primeiro ensaio de conjunto sobre minha obra: Uma palavra marcada – Emoção e consciência na poética de Pedro Lyra. Pois emoção mesmo foi ler esse livro, Hermínia. É uma análise magistral, particularmente no capítulo sobre Desafio.

Dos dois estágios em França resultaria o maior encantamento que a poesia já me proporcionou: a publicação, pela editora L’Harmattan de Paris, na coleção “Poètes des Cinq Continents” (antes de mim, meu querido Maiakovski, em 4 volumes), em convênio com a Topbooks e a Fundação Cultural de Fortaleza, da antologia Vision de l’Être - versão reduzida e bilíngue de Visão do Ser, publicada pela Topbooks em 1998. Ao longo de 10 anos, minha querida colega Catherine Dumas, professora de Literatura Portuguesa da Sorbonne, foi traduzindo poemas de Decisão, Desafio, Contágio, Errância, Jogo e do inédito Plenitude. Foram 10 anos de diálogo quase que diário, no comentário das opções e soluções lingüísticas e poéticas. Em novembro de 2000, fizemos duplo lançamento: um na sede de L’Harmattan e outro na nossa Embaixada, também com conferências e debates sobre a nossa nova poesia. E (para mim) melhor ainda, seguidos de recitais bilíngues, em que a Catherine e a prefaciadora Anne-Marie Quint, tradutora de Machado e professora emérita da Sorbonne, diziam o poema em francês, e eu e a grande pessoaana Tereza Rita Lopes dizíamos em português. Ah, que não vivi noites mais poéticas! Na platéia, nosso Conselheiro Cultural, Anuar Nahes; e gente tão querida como Solange Parvaux, nossa maior divulgadora cultural em França; minha colega-irmã Eliana Bueno Ribeiro; minha nova amiga Ilda dos Santos, jovem e bela professora lusitana também da Sorbonne, a quem dediquei a última leitura da noite - e o mais belo poema dessa noite foi o seu sorriso de luz e de surpresa. “Fiquei encantada!” - disse-me ela no final. Ora, Ilda: encantado fiquei eu! Os textos então apresentados foram quase apenas sonetos de Desafio. Por mais que amemos nossa rica língua, temos que estar editados em francês, espanhol ou inglês se quisermos ser lidos no resto do mundo fora dos círculos restritamente literários.

Em suma: embora envolvido com outros projetos, este livro vem me acompanhando há 15 anos. Um livro que, em sua primeira publicação, se concentrava em um ano e, na segunda, se estendia para quatro, agora - em sua versão realmente definitiva, pois que não penso mais em escrever sonetos - se ampliou para quinze anos: não mais apenas o produto de um poético momento, mas obra de um razoável período de vida. Creio que esse prolongado convívio com uma obra justifica a avaliação que, dentre todas a ela feitas, mais fundo me tocou. Foi a de Ildásio Tavares (Tribuna da Bahia, 5.9.1989), ao afirmar: “Deduzimos, ao ver o carinho com que penteia as palavras, que Pedro ama mais seus versos que suas musas”. Mas será, meu caro amigo?

Esta edição - que surge pela inclusão do livro na relação de obras selecionadas para o vestibular de 2002 da UFC - corrige erros de revisão e faz muitas alterações textuais e estruturais. O que significa que alguns destes sonetos já podem se encontrar na sua quinta versão: a 1ª em Musa Lusa, a 2ª no Desafio de 1991, a 3ª em Visão do Ser, a 4ª em Vision de l'Être e a 5ª no Desafio de 2001 - além de uma 6ª, considerando as publicações em jornais e revistas. Será que algum deles atravessou incólume essa peripécia editorial? Não fui conferir. E incorpora um poema-dedicatória de Hélio Póvoas Júnior, muda o subtítulo da terceira parte para Clivagem, introduz uma sétima (Figurações - onde procuro questionar a situação da mulher e o estágio das relações interpessoais depois da revolução sexual) e acrescenta 89 novos sonetos (alguns deles escritos após a leitura semanal da coluna "Conversa na varanda", de Regina Navarro Lins, no suplemento "Vida" do Jornal do Brasil), uns já publicados nas antologias brasileira e francesa.

Em face de todas essas modificações, esta edição suprime a Fortuna Crítica que acompanhava a anterior: são escritos como que sobre uma outra obra. Confesso que me deu pena privar o livro desses textos e gostaria de preservar o estudo de Nancy Campi de Castro, minha ex-colega no doutorado da UFRJ: antes da Herminia, ela tratou meus sonetos como eu só vira tratados os de Camões. Mas um dia a já grande fortuna crítica desta poética do amor será reunida em volume.

O que a crítica mais realçou naquelas antologias foi precisamente o conjunto dos sonetos: Wilson Martins os encarou como "uma demonstração (no sentido matemático) do teorema da nossa humana condição" (O Globo. Rio, 24.7.1999); Anne-Marie Quint, depois de afirmar (na Apresentação) que "a poesia autêntica (...) é capaz de nos fazer compreender e sentir muito mais coisas que um tratado de filosofia", aproxima-os dos de Petrarca. Ildásio já os havia aproximado dos de Camões. São os meus modelos mais amados, que sei de cor - os dois maiores sonetistas (as Rime e as Rhythmas) de ou do amor em todas as literaturas, além de Shakespeare. Quase diria que isso basta.

E corrige também o título deste Depoimento.

Rio, 28 de janeiro de 2001

NÓTULA À TERCEIRA EDIÇÃO

É, parece que estávamos mesmo diante da edição definitiva: um ano depois - em razão da permanência do livro naquela lista de obras para o vestibular da UFC, de 2003 - esta terceira sai sem nenhuma alteração, nenhum novo soneto.

Em conseqüência dessa decisão, as Ed. UFC programaram para este ano a publicação de um novo livro sobre a minha produção: Uma poesia dialógica - 9 resenhas da obra de Pedro Lyra, de Fernando Py. Na Apresentação, este caro amigo, que é um dos mais ativos críticos da nossa geração, explica que, tendo escrito sobre todos os meus livros, veio-lhe a idéia de reuni-las num pequeno volume. Observei-lhe que ele havia escrito a partir de Decisão e que faltavam os 2 primeiros - Sombras e Doramor. Ele os pediu e eu respondi que tinha apenas 2 exemplares de um e 3 do outro, e que só poderia cedê-los a um crítico da minha obra como ele. Foi o que fiz - e ele acrescentou mais essas duas resenhas.

Mesmo duplamente limitadas - como ele observa - pelo tempo de redação e pelo espaço dos jornais, resenhas são também duplamente importantes por registrarem uma literatura ao compasso de sua criação e por instaurarem uma leitura inicial.

Espero que sejam úteis aos estudantes e aos críticos do futuro. Porque para mim, claro: é uma grande satisfação.

Campos/Rio de Janeiro, abril de 2002

ADENDO A 4ª EDIÇÃO

E eu, que declarei que não pensava mais em escrever sonetos...

A 4ª edição, novamente revista, acrescentará outros 53: agora já são 322. E também uma 8ª parte, com o subtítulo de “Auge”.

Uma alteração importante: com os novos sonetos agora acrescentados e atentando para a alternância na natureza dos discursos atribuídos à mulher, nos diálogos com o homem, resolvi assinalar a diferença: permanecem como “de consolação” apenas aqueles em que ela fala como musa; os outros, em que ela fala como amante, reintitulei-os como “Sonetos de provocação”. Os “de confrontação” continuam num mesmo conjunto, quer o diálogo se trave com a amante ou com a musa, quer elas o encarem como amante ou como poeta. E já não sei em que versão alguns destes sonetos estariam agora...

Mas o melhor para este livro ainda estava por acontecer. Como resultado da sua leitura pela juventude da minha terra nos anos do vestibular, eu acabei sendo conduzido a um mundo novo - o mundo do ciberespaço.

Um belo dia em que passeava através do Google, procurando algo sobre mim, deparei-me com uma superelogiosa referência no blog de duas vestibulandas - Lana Rocha e Patrícia Matos. Na mesma hora, mandei um e-mail a elas, agradecendo aquelas doces palavras. Pouco depois, numa ida a Fortaleza, convidei um pequeno grupo para um chope. Começou aí um diálogo autor-leitor que continua até hoje.

É que muitos desses vestibulandos se manifestaram espontaneamente em seus sites sobre o livro, com as mais gratificantes palavras que um poeta pode receber de seus leitores - não dos seus críticos: palavras afetivas, mais que analíticas. Fui colecionando todas, uma por uma, e lhes agradei da maneira que achei equivalente: na contracapa e nas orelhas do livro seguinte (Confronto – Um diálogo com Deus, de 2005, a eles dedicados num longo post), no lugar de críticos e professores, transcrevi as opiniões deles - mais de 50.

Estava ainda em Paris, no final de 2004, quando uma outra (a Lara, gêmea da Lana) me dá um presente inesperado: uma comunidade no Orkut - de que eu ainda nem ouvira falar. A partir daí, o diálogo só fez crescer.

O resultado é que conto hoje com centenas de espontâneas manifestações sobre este livro, espalhadas por diversos sites da Net, dentro e fora do país, muitos deles com transcrições bem ilustradas de sonetos, por leitores absolutamente descomprometidos a não ser com o seu próprio gosto poético. Alguns até através de poemas: estão todos lá nos álbuns da comunidade.

É um pouco desse conjunto que - em sua própria internética linguagem - reproduzo a seguir neste anexo, como a mais gratificante manifestação crítica: a do leitor-leitor, que se expressa pelo puro prazer da leitura. Em sua vasta maioria, essas apreciações estão no meu Orkut; as outras, em blogs e fotologs.

Esta edição, que chamo de experimental, é uma espécie de resposta poética à tal crise global. Sem saber como é que alguém ainda compra livro de poesia neste país, resolvi assumir-me editorialmente, através do selo EDIÇÕES LIRA, e relançar este livro já esgotado num formato especial: em folhetos individuais para cada uma das 8 partes do livro, acomodados numa caixinha de papelão.

De “Lavragem”, suprimo a dedicatória à “musa lusa”: é que, ao núcleo básico, acrescentei vários outros sonetos do mesmo gênero, que nada têm a ver com ela. Afinal, como disse a Vera na citada recensão, muito mais que vida, um livro de sonetos é literatura. Pela mesma razão, nada digo sobre “Auge”, a 8ª parte introduzida nesta edição.

E acrescento também outro soneto-homenagem, do poeta Sylvio Adalberto Nascimento, presidente da Casa de Poesia Raul de Leoni, sediada em Petrópolis. E um índice dos primeiros versos.

Esperando que, em breve, eles voltem ao livro - para a edição definitiva.

30 SONETOS ESCOLHIDOS

SONETO DE CONSTATAÇÃO – I

Do barro
 pelo hálito de um Deus,
num salto
 pela mão da Natureza,
o universo nasceu:
 nasceu o Homem.

Vinda do nada
 para os infinitos,
vinda de uns antropóides
 para o nada,
a espécie
 – esta parábola
 no tempo.

Ou seja terra
 ou ar
 ou fogo
 ou água
foi a necessidade
 que a moveu,
foi a satisfação
 que a sustentou:
sob uma lua virgem
 (entre névoas)
sobre um leito de folhas
 (entre nuvens)
o primeiro casal nos garantiu.

Por nós
 nos afirmamos
 por nós mesmos
pois foi o sexo
 – o Amor –
 quem nos gerou.

SONETO DE ADVERTÊNCIA

Ama.

Queres amar.
Pois então ama
desde que cumpras certas condições.

Uma

antes de todas outras:
que ela
possa te amar também
e que não sonhes
que esse amor vá além do seu desejo.

E não vejas de um céu
o que é do chão.

E não julgues eterno
o que é da hora.

E não forjes o gume
em que te firas.

E não lhe queiras mais
do que a ti mesmo.

Que não te prives
do que mais persegues

e não te inflijas
o que mais rejeitas.

E que não ames

nunca
ao ponto extremo
de já não mais poder deixar de amar
nem de não mais poder viver sem ela.

SONETO DO AMOR ENCIUMADO

Quem entrar neste círculo de fogo
nunca mais se arrefece do seu giro:
pena quando é o foco

e mais quando não é
– Insegurança;
– Insuficiência.

Faca que rasga e cresta sem contacto
n'outro gume da lâmina se aguça:
fere quando é o alvo

e mais quando não é
– Desconfiança;
– Indiferença.

Nem é problema.

É um sem-solução:
pois não é só sofrer
ou sofrer mais ainda
ao seu contágio
quando isento.

É sofrer por um tudo.

Porque ama.

E para se livrar da maldição
só um anti-remédio:

– ninguém quer.

SONETO DO AMOR IDEAL

Este
 sim
 é o amor que todos buscam:
amor com os pés no chão
 o ser num céu
onde o emprego
 mais vale
 do que estrelas
e o corpo
 mais ainda
 do que a renda.

Sem contas com o passado
 só importa
a pérola do hoje
 – e a porta aberta.
Ambos guardam
 (num cofre)
 a independência
libertos da paixão
 que gera traumas.

Assim se ama como Eros ama:

todo espaço ao prazer
 sem um reduto
donde possa um veneno ameaçá-lo
para amar
 toda vez
 por todas vezes.

Eis o Bem que os amantes se fabricam
e só se reconhece
 ao se perder.

SONETO DE CONFISSÃO – VIII

Eu reconheço, amiga, esta miséria:
nunca soube fundir

poesia e amor.

Era apenas contacto

sem encanto,

ou era apenas chama

sem suporte.

Nunca a musa mais plena fez-se carne:
quando ensaiava

a fonte se esvaía.

Nunca a parceira ia além do ato:

faltava sempre o impulso

para o vôo.

Entre o real e o avesso

desvivi-me:

nem subia do chão

um só degrau

nem descia

da nuvem para a rua.

E afinal sublimaste este fracasso:

mais amada no sonho

que na vida,

mais viva no poema

que na cama.

SONETO DE CONFRONTAÇÃO – XI

– Todos querem amar e ser felizes.

Musa,

por que o não fazem

e o não são?

– Muito simples, Poeta:

é que os humanos

têm uma face-jóia

– muito fraca;

têm uma face-pedra

– muito forte;

e uma terceira face

– muito vaga,

onde as outras se cruzam

e se mesclam.

E resta apenas este esboço neutro,

que pode até amar

– de um certo modo,

e ser feliz

– porém numa outra clave,

sem os harmonizar

num mesmo clima.

Por isso é que esse mito esteve sempre

tão presente

na tua aspiração

mas tão fora

da tua realidade.

LAVRAGEM XLVI) MAIS REAL

Viver é real.

Reviver é poético.

Em vez da tua boca

beijo a sombra

– fantasia colada

à realidade

transfigurada para além da hora.

No tecido abstrato

das palavras

refaz a concretude

dos teus beijos

– misto

de frustração e transcendência

lá d'onde a vida fora plenitude.

Agora

criado o ser que te recria

eu volto

não a ti

mas ao poema:

em vez da tua sombra

beijo os versos

– fantasia colada

à fantasia

distante

por dois graus

da realidade

no entanto

mais real

do que o concreto.

SONETO DE CONSTATAÇÃO – IV

De sexo
a natureza saturou
o corpo da mulher
desde as entranhas.
Com o homem fez a mais
pois foi a mente
por qualquer pensamento
desde o olhar.

Ela carrega o excesso
até no sono.
Ele busca livrar-se
em todo gesto.
E então
quando se cruzam
pressionados
ele a tenta deter
– mais a sufoca,
ela o tenta suprir
– mais o naufraga.

E nunca foi como ambos desejaram.

Por causa desses duplos exageros
é que o amor nos oscila entre os extremos:
'tá no barro ou na nuvem
– não num lar,
num Éden ou num Hades
– não na Terra.

SONETO DA FÊMEA – VIII

Cuidado
meu amigo
mais cuidado.
Não exponhas teu ser
às suas flechas:
a mulher
fonte e abismo
barro e nuvem
é uma serva
– quando desejante,
uma tirana
– quando desejada.

Ora pousa
ora flana
indecidida.

Quer se doar:
por tática
se nega;
quer se negar:
por ímpeto
se doa.

E se abandona
sem nenhum recato;
e te abandona
sem nenhum remorso.

Não quer ser objeto
mas se enfeita;
luta por ser sujeito
mas se entrega.

Nem anjo é mais suave
quando ama;
nem fera é mais cruel
depois de amar.

SONETO DE CONSTATAÇÃO – V

Físico
 Social
 Mental
 Psíquico
– nada disso difere mulher/homem:
a única diferença está no sexo.

Ela se deita
 para receber-lhe.
Ele a recobre
 para penetrá-la.
Ela se abre
 e ele se concentra.
Ele ejacula
 e ela acolhe o jorro.

A relação não é
 passivo/ativo
mas sim
 necessidade/complemento
de um pelo outro.

 É a fonte a todo transe
e a frustração provém do seu reverso:
ela também
 queria
 penetrá-lo,
ele também
 queria
 receber-lhe
e a natureza nos negou a troca.

SONETO DE CONSTATAÇÃO – VI

Nossa aventura é só decepção:

primeiro
retiraram-nos do centro
nos largando
aos subúrbios do universo;

depois
negaram a filiação divina
mostrando uma ascendência
de antropóides;

logo após
suprimiram a liberdade
provando que se pensa
tal se vive;

no final
subjugaram a consciência
submetendo a vontade
a uma pulsão.

Quebramos nosso espelho
sem ressalvas
pois ainda
restava-nos
o Amor.

Porém
na hora-vida
rompe o outro
e corta o último fio
ao constatarmos
que nos amam por si
e não por nós.

SONETO DE CONSTATAÇÃO – VII

Nasce um homem.

Quando ele se percebe
joga contra o destino a sua vontade:

quer luzir

quer voar

quer transcender

para provar que a vida tem sentido.

Trabalha:

cada fruto desse esforço

lhe torna o mundo em forma de desfrute.

Combate:

cada etapa ultrapassada

acrescenta-lhe forças para outras.

Pesquisa:

cada pedra lapidada

lhe confirma o triunfo sobre o tempo.

Mas na hora mais densa

opaca

íntima

em que um espelho cego cobra a prova

nem riqueza

nem glória

nem poder:

– só interessa mesmo o que lhe falta.

SONETO DE AFIRMAÇÃO – XXI

Entre destino e liberdade
vai cumprindo o Ser
ou forjando
a sua trilha:
ou ela está traçada
– e ele a cumpre,
ou ela não existe
– e ele a forja.

Preso ao destino
há um Destinador
que já sabe aonde vamos
ignaros;
em liberdade
o que há é um desafio
e escolhemos o rumo
a cada repto.

Traçada aquela trilha
a nossa vida
se estende ao infinito;
mas forjando-a
a nossa vida se restringe
ao chão
– numa fria inversão dos atributos –
que nos dará
a chave
do Mistério
quando sem serventia de acioná-la.

SONETO DE CONFRONTAÇÃO – XII

– Poeta, não um Bem:
a vida é um Dom
que
como tudo seu
reúne opostos.
Bem é o que o Dom exige
para impor
a face cordial sobre a perversa.

– Ou Bem ou Dom, amiga:
está perdida.

– Perdida não, amigo:
está mudada.
Olha e verás que a vida
em nosso tempo
ficou mais rala
mas ficou mais bela,
ficou mais rasa
mas ficou mais doce.

– Pois a perda consiste em tal mudança:
ficou mais bela
mas ficou mais fria,
ficou mais doce
mas ficou mais fútil.

– Tens
com o Bem de o saber
o Dom de agir:
usa do teu saber pro teu prazer.

SONETO DE CONSTATAÇÃO – XII

Exclusivo.

O que haurimos pela vida
(objetos de amor não bens de posse)
tem que ser exclusivo:
isso incorpora
o nosso próprio eu
e não se atura
que venham corromper a nossa essência.

A casa...

não se pode admitir
a entrada sem convite;
o quarto... a mala...

a gaveta...

ninguém vai pôr a mão
onde guardamos jóias e segredos.

(Todo o eu

se projeta sobre um meu
quando o meu é um eu
transfigurado.)

Não dá pra partilhar:

é tudo próprio.

E se não partilhamos nem tais coisas
será

o amor
que vamos partilhar?

SONETO DE CONSTATAÇÃO – XLI

Nós temos dois estados nesta vida
(dois, não mais):

precisão
satisfação.

Eliminam-se
geram-se
– em cadeia –
e o que entre eles pulsa os revigora.

Quando estamos contentes
somos plenos:

qualquer outro
que chegue
é dispensável.

Quando estamos carentes
qualquer outro
por mais pobre
que seja
nos resolve.

É tal
como um nubente e como um naufrago:
um vulto pela ilha
– uma ameaça;
um braço nos abismos
– uma bênção.

Dupla
essa maldição da nossa espécie:
cravados contra a dor
– somos humanos;
soltos pelo prazer
– uns animais.

SONETO DE CONSTATAÇÃO – XLVII

Fidelidade:
à voz do amor-consumo
consumiu-se
também
esse tesouro.

Era uma condição essencial
e a descartaram
como um empecilho.

O objeto não é seu próprio ego:
é o parceiro.
Fiel consigo mesmo
sempre se foi
e mais
na expectativa.

O desafio é ser fiel ao outro
pra quem precisa
– em paz –
viver seu bem.

Se ama
não há chance pra aventuras;
se já não
não há chance pra convívio.
Sobre cinzas
por que seguirem juntos?

Se não forem fiéis
não são amantes.
Nem isto é mais amor:
– é hipocrisia.

SONETO DE CONSTATAÇÃO – XLIX

Está
na natureza
como ordem
e é só
entre os humanos
tão difícil.

Ao descobrir-se o ser
nenhum entrave
que todos se cumpriam
sem bloqueios.

Mas quando inaugurou-se a possessão
os dois
em um
sonharam transfundir-se.

Seguiu-se uma avalanche
de fracassos
suportados
na forma e na aparência.

Até que por descasos e aventuras
chegaram
hoje
ao ponto do resgate
em que não só se opõem
mas se enfrentam.

Se não era possível
transverter-se,
necessário não era
confrontar-se:
– bastava
simplesmente
distinguir-se.

SONETO DE CONSTATAÇÃO – LIX

Adeus, amor!

Adeus, amor de amar!

Nunca mais um viver de coração...

Nunca mais!

Um passeio em praia virgem
numa manhã de primavera...

um brinde

num barco

numa tarde a um leve sol...

uma pousada pelo campo

em noite

de treva e de tormenta...

um intervalo

num recanto florido de uma ilha

ao luar

na madrugada...

Quem recusa?

Que de mais doce pode-se fazer

fora do quarto?

Nunca

nunca mais!

Mais nunca

o que fazia amar a vida

e o gosto de estar vivo

para a amar.

Agora

é nada mais que a transa urgente.

SONETO DE AFIRMAÇÃO – XVII

O que é que nos arrasta pela Terra?

“A Fé”

– responde em coro a Religião
apontando a um espaço transcendente.

Mas, a Filosofia:

– “É a Razão”
visando à diferença essencial.

“É o Interesse”

– proclama a Economia
exibindo as mais simples atitudes.

Mas, a Psicologia:

– “É o Desejo”
mostrando as privações em cada olhar.

Fundindo os quatro mitos

talvez temos
a síntese da humana condição.

Um sonha o Salvamento

outro a Verdade
outro o Poder
outro a Felicidade.

Mas, dentro a todos, tem que estar o Amor.

SONETO DE AFIRMAÇÃO – XVIII

E um dia, finalmente...

a redenção:

no cérebro,

uma placa

– e eis a cultura

de milênios fisgada num segundo;

um *chip* por memória

– e tudo fixo

sem o penoso esforço de fixá-lo;

um visor pelo olhar

– e o mundo inteiro

ao alcance do raio de uma tecla;

uma bomba

– em lugar do coração

sem nem mais um colapso ou uma fossa;

e uma válvula

um filtro

um sensor

– pontes

entre a necessidade e os objetos.

E um elétrico orgasmo

sem mais pausas.

Assim o homem

controlando o ser

só morrerá quando quiser.

(Ou se.)

SONETO DE CONSOLAÇÃO – XXVI

Poeta

a vida é a luta por um *Quê*
que menos escolhemos
que seguimos.
Sabemos que é penoso
que é precário
e assim mesmo o buscamos
como ao Bem.

E a vida
às vezes
se reduz à busca.

E o encontro
às vezes
nega seu motivo.
Melhor não alcançar
(o fruto é incerto)
que alcançar e perder
(é certa a perda).

O perigo não brota
ao que se encontra
mas ao que se imagina
e se persegue.

E ao se morrer sem nunca o ter vivido
resta um consolo
(amargo
mas consolo):
– a dor da perda
é a dor do Inevitável;
– a de não encontrar
é a do Impossível.

SONETO DE AFIRMAÇÃO – XXII

O que é?
Onde está?
Quanto perdura?

Ela se mostra mais nos seus avessos:
pelo não-ser
e onde não se instale.

Não é a epifania dos encontros
pois escapa
aos momentos
em que aflora.

Não está nas três fontes onde a põem
os sem nada
sem nome
sem ninguém.

Ela está
não na sorte de obtê-la
mas na capacidade
de fundá-la.

E é
não uma bênção permanente
mas a capacidade
de fruí-la.

E dura o tempo exato que a consome.

(Se é que é algo
que está em algum ponto
que perdura algum tempo
– ou que ela existe.)

SONETO DE AFIRMAÇÃO – XIV

Não precisamos tanto.

Isto basta:

um recanto tranqüilo

onde se possa

ficar

sair

voltar

sem atropelo

com certeza de ação e circunstâncias;

uma fonte

perene e disponível

construída com o próprio desempenho

pra qualquer precisão

qualquer desejo;

a condição

serena e garantida

para escolher a direção do sonho

de fazer

refazer

sem contragosto;

e uma rosa noturna,

perfumosa

e ridente,

de pétalas abertas

para um beijo de luz nas alvoradas.

Não precisamos muito.

Basta isso.

SONETO DE CONSOLAÇÃO – XXI

Este amor
 qu'inda sonhas
 meu amor
capaz de sacrifícios e renúncias,
que
 por livre vontade
 te confina
e
 por pura certeza
 te preserva;

este amor
 qu'inda buscas
 meu amor
pleno de confiança e paciência,
que te exime
 de atritos e contágios
e te resguarda
 o cérebro e as artérias;

este amor, meu amor, pelo qual amas
de gratidão
 ao que te tenha sido,
de devoção
 ao que te venha a ser;

que (por ser um) dispensa e inclui os outros
e luta
 e perde
 e sofre
 e ainda espera,
este amor, meu amor, não mais existe.

SONETO DE CONSOLAÇÃO – XXV

Porque ela está tão longe
meu querido
ficas a remoer
(não teu passado
que é sabido
e não pode ser refeito
mas) teu futuro
que é mutante e dúbio.

E te torturas
figurando cenas
em que ela resplandece
à tua distância.

Do charco em que te afundas
vês apenas
(além do que receias)
o que forjas;
da minha nuvem
vejo é o que acontece.

Olha:
ela
está em casa
a sós
tranqüila
reclinada em seu leito
e está relendo
uns sonetos de amor
– belos sonetos
que um poeta
inspirado e apaixonado
escreveu
com carinho
à sua amada.